

as suas peregrinações. Fixando as linhas principaes do Itinerario, o filho destroe a velha lenda das *Sette Partidas* e as grandiosas phantasias modernas, architectadas por Oliveira Martins. E como estas correm risco de ser aceites e propagadas, como tudo quanto foi escripto pelo meu inolvidavel amigo (tratado pelo destinatario d'esta publicação, com todo o direito, como o maior artista historico que a Peninsula produziu em nossos dias), cumpre-me elucidar rapidamente este ponto.

## IX

## AS VIAGENS DO INFANTE

Eis o que o filho refere, nomeando summariamente os reinos visitados, num longo periodo em que enumera as virtudes do progenitor: «aquél que passando la grande Bretaña y las galicas y germanicas regiones, a las de Ungria e de Boemia e de Rosia pervino, guerreando contra los exerçitos del grand Turco por tiempos estovo; e retornando por la maravillosa çibdat de Veneçia, venido a las ytalicas o esperias provincias, escodriño e vido las insignes e magnificas cosas, e llegando a la çibdat de Querino tanjo las sacras reliquias, reportando honor e grandissima gloria de todos los principes e reynos que vido.»

Esta marcha por Inglaterra, França, Flandres e Allemanha á Ungria e de lá pela Italia e Hespanha, é authenticada por todos quantos documentos coevos foram até hoje explorados. Só da entrada na Russia (ou seria a Prussia?) e Bohemia nada de certo consta (1). Sabemos—é o

(1) Como as guerras de Sigismundo contra os Hussitas se prolongaram até 1436, bem pode ser que o Infante batalhasse na Bohemia—embora não contra Ziska von Procznow, fallecido em

proprio Oliveira Martins quem nos faculta os dados precisos—que o viajante se achava em Inglaterra no S. Miguel de 1425, provavelmente depois de longa demora em Oxford e em Paris; e passou por Flandres de 22 de Dez. do mesmo anno até fins de Janeiro de 1426, tocando em Ostende, Udenburg, Gante e Bruges. Em 1426 e 1427 assistiu na côrte de Sigismundo, batalhando contra os Turcos. Na primavera do anno immediato foi obsequiado em Veneza, de onde por Chioggia, Ferrara e Padua (1) chegou a Roma. Ahi se achava ainda a 16 de Maio (2). Da Italia seguiu para Barcelona, onde o achamos em Julho. Teve breve demora em Aranda del Duero, na côrte de D. Juan II, seu primo, em colloquio com Alvaro de Luna, e em Peñafiel, numa entrevista com o de Navarra. Em Setembro de 1428 já estava de regresso na sua Coimbra, por ocasião dos festejos do casamento de D. Duarte com D. Leonor de Aragão, contrahindo em principios de 1429 o seu proprio consorcio com a filha do ultimo conde de Urgel.

Nos documentos que registam factos da torna-viagem indica-se mais de uma vez que o Infante vinha de visitar o Emperador Sigismundo (3). *Mas nem uma só palavra de Constantinopla, da Terra Santa, de Mecca, da Abassia,*

Out. de 1424.—O primeiro a referir-se á parte tomada pelo Infante na guerra contra os Hussitas, é, salvo erro, A. Bonfinii (1606), que menciona como companheiro d'elle a Erico, Rei da Dinamarca.

(1) De Padua o Infante trouxe uma reliquia de Santo Antonio: «parte do casco ainda com cercilho.» Cf. Figueiredo, *Portuguêses nos Concilios*, p. 61; *Hist. de S. Domingos*, I, 627; Freire d'Oliveira, *Hist. Adm. Lisb.*, II, 550.

(2) Da cidade de Querino levou uma carta muito honrosa de Martinho I a seu pae e o privilegio de os Reis de Portugal se poderem ungir solememente á maneira dos de França e Inglaterra.—O Breve está na Torre do Tombo (*Liv. Brev.*, I, f. 55).

(3) P. ex. numa escriptura catalan.—V. Monfar, *Hist. Condes de Urgel* (p. 617 do vol. X da *Col. Arch. Cor. Arag.*, apud, Balaguer, p. 8, nota 4).

do Cairo ou de outra qualquer região africana ou asiatica!

Depois de consultar os documentos, passemos a um rapido exame dos assentos de alguns escriptores quatuorcentistas e quinhentistas, que se occuparam do Infante. Elle proprio refere-se apenas a usos e costumes de Flandres, na *Virtuosa Bemfeitoria*, assi como ás Universidades de Uxonia e Paris, na mesma obra e em uma carta escripta de Bruges (1) (a unica que resta). Seu irmão, el Rei Dom Duarte indica o reino de Hungria como destino do sobre todos amado e querido irmão, accrescentando que para ahi fôra com pequena tenção de tornar a esta terra (2). Zurrara, o amigo do Condestavel e de Affonso V, menciona em uma das suas chronicas, repetidas vezes, embora só de passagem, a ida através da Allemanha á Hungria contra os Infieis (3). Em Castella, o chronista de D. Juan II, narrando a chegada do viajante com data de 1428, sabe de quattro annos gastos no estrangeiro, e habia estado en *Alemaña e Ungria e Inglaterra e otras partes* (4). Ainda em 1571 Garibay, repetindo esses dizeres, affirmava exclusivamente que o Infante vinha de ver as côrtes dos principes christãos (5). No estrangeiro, o primeiro que se occu-

(1) Impressa por J. P. Ribeiro, nas *Diss. Chron.*, I, 398, e por Oliv. Martins (App. D).

(2) *Leal Conselheiro*, cap. 44.

(3) *Chron. de D. Pedro de Menezes*, cap. 13: «Em este anno de 1425 partio o Infante D. Pedro, 2.º filho del Rey pera Allemanha, onde andou tres annos com o Emperador Segismundo e foi com elle sobre os Turcos, e tornou pera o Regno a cabo de tres annos e veo per Roma; e pelas terras por onde foi e tornou, recebeu muita honra e foi conhecido por muito prudente principe, digno de grande senhorio.»—Ibid. no cap. 27 refere-se á grande afeição «que o Rei de Castela avia a D. Pedro desde o tempo que o Infante viera desde Ungria per sua casa, e assi aquelle Condestavel D. Alvaro de Luna.»—No 38.º ha allusões a um cavalleiro chamado Matheus, natural de Polonia, o qual vivia com o Infante que o trouxera comsigo «quando veio d'Allemanha.»

(4) *Cron. de D. Juan II*, a. 1428, c. 14.

(5) *Compendio Hist.*, III, 437, año 1428.

pou d'elle foi Aeneas Sylvius Piccolomini, o illustre secretario e valido do Emperador Frederico III, muito bem informado sobre o Imperio e o Oriente europeu, posto que se engane em miudezas relativas a paeses tão afastados como Portugal (1). Na sua obra *De Viris Illustribus* dediche o trecho seguinte: *Is Petrus juventutis suae tempore multam orbis partem migravit veniensque ad Sigismundum Caesarem in Hungria diu cum eo fuit ac in pluribus bellis contra Turchos multa exhibuit virtutes suae experimenta cui pro stipendio 20.000 auri pondo quotannis dabantur* (2). Outro humanista egregio—mas este chamado a Portugal por Dom João II para preceptor de seu filho—caracteriza-o em 1490 com as palavras: *Vir pace clarus et bellicae disciplinae peritissimus qui sub Caesare Sigismundo stipendia faciens non mediocrem sibi gloriam in Turcas pugnando paraverat* (3). A *Chronica de Nuremberg* (1493) allude á sua digressão através de quasi toda a Europa.

Inquirindo os poetas, encontramos a mesma resposta. O grande aulico Juan de Mena, introduziu nos frouxos e obscuros versos que dirigiu ao Regente—creio que pouco antes de 1449—uma allusão vaga, mas que ainda assim contribuiu por ventura para a criação da lenda das *Sette Partidas*:

(1) No proprio capitulo (29) dedicado a D. Duarte, pae da Emperatriz D. Leonor, onde se acha a passagem transcripta no texto, os erros são numerosos.

(2) Ed. Stuttgart, p. 44-45 (vol. IV da *Bibl. des Liter. Vereins.*)—Seguem notas sobre a Marca Trevisana.—Será bom dizer que o mesmo auctor, ao fallar de Eurico da Pomerania e Dinamarca (no cap. 35) refere expressamente a ida d'elle a Jerusalem. Este principe, parente proximo de Segismundo, em cuja côrte o Infante o podia ter conhecido, se é que não o visitou nos seus estados, tinha algumas gottas de sangue português nas veias, como descendente da Infanta D. Berengaria.

(3) Este trecho, glosa marginal de um poema latino de Cataldo Siculo (*Hist. Gen., Provas*, VI, 397) é repetição textual de outro extrahido por Oliv. Martins (p. 90) da *Hist. Europ.* de Aeneas Sylvius.

*Nunca fue despues ny ante  
quyen viese los atavios  
é secretos de Levante,  
sus montes, inssoas y rryos,  
sus calores y sus frios  
como vos, senhor jfante (1).*

Em Portugal Luis d'Azevedo, o primeiro cortesão compatriota que ousou defender a memoria do vencido, empregou as phrases:

*Nam ha reynos em christãos  
que em todos nam andasse.  
.....  
Eu andey por muytas partes  
e por outras boas terras (2).*

Será preciso recordar finalmente as palavras do cantor dos *Lusiadas* sobre a fama illustre, ganha em Germania pelo Infante? (3).

Como se vê, tambem aqui, até 1572, quando o folheto que popularizou o nome do viajante já havia tido varias edições, *nem uma só palavra relativa á Terra Santa, Abassia, Constantinopla, Mecca, Chipre e Egypto!* E note-se ainda que esses historiadores citados, não esqueceram de dar noticia de peregrinações á Casa Santa de Jerusalem, planejadas ou empreendidas por outro filho e um neto de D. João I (4), como tambem por um dos que foram companheiros do Infante na guerra contra o Gran-Turco.

Só nos ultimos decennios do sec. XVI, no tempo das mudanças, e nos primeiros do seculo seguinte, época por justos motivos fecunda na propagação de patranhas histo-

(1) *Canc. Geral.* II, 71.

(2) *Idem id.*, I, 451.

(3) *Lus.*, VIII, 37.

(4) Não discuto aqui, se o Conde de Barcellos e o de Ourem realizaram effectivamente o seu plano de ir a Jerusalem; nem tambem pouca a relação em que estas suppostas viagens estão com um voto attribuido ao Conquistador de Ceuta.

ricas e na invenção de apocryphos litterarios é que a figura do que realmente andou por muitas partes do mundo, se tornou legendaria (1). Quanto ao historiador que iniciou o trabalho de vindicar character historico ao absurdo opusculo, vendido nas feiras como *Auto* ou *Livro do Infante Dom Pedro de Portugal o qual andou as sette partidas do mundo* (2), não me admiraria se fosse Faria e Sousa, um dos fabulistas-móres da historia patria, ou talvez o maior. Certo é, pelo menos, que desde que elle fallou (3), os biographos do Infante engastaram a phantasiada ida á Terra Santa e a mais regiões africanas e asiaticas, como factio indiscutivel, na narrativa das suas viagens reaes, invocando o testemunho da tradição, tanto em tratados de litteratura como em obras de historiographia. Todos, sem excepção o fizeram, mas nenhum mais detida e brilhantemente que o ultimo.

Não duvido que o glorificador da inclita geração conhecesse perfeitamente e ponderasse as razões que ha para duvidar da novelesca relação, que mereceria ir no rol dos livros de cavallaria, se fosse escripta com mais alguma elegancia. Á sua perspicacia não podia passar despercebido o factio que nella não se regista um unico dos casos autenticados por documentos relativos á viagem do Infante. Nem tão pouco era capaz de se subtrahir á impressão que o supposto ou verdadeiro Gomes de Santo Estevam, *um dos doze que foram na sua companhia* em busca do Preste João, escrevera muito mais tarde, no sec. XVI, e sem ter visto cousa alguma dos paises que menciona. Nem á sus-

(1) Já o era quando Cervantes escrevia a 2ª Parte do *D. Quixote*, (II, c. 23).

(2) Em hespanhol: *Historia del Infante D. Pedro de Portugal, en la que se refiere lo que sucedió en el viaje que hizo alrededor del mundo.*

(3) Veja-se nos *Lusiadas* commentados o Canto VIII, estr. 37 e I, 20; assim como no *Epitome* e na *Europa Portuguesa* os trechos relativos ao Infante.—*Verdades exageradas com mezcla de fabulas* é o que encontrava no *Auto*.

peita que Gomes fôra buscar o que ha de positivo nas suas descripções, ás viagens antigas a Jerusalem, como a de Breidenbach, impressa na península antes de 1500, e a de Mandeville (com a qual rivaliza quanto á confecção de partranhas), attribuindo em seguida, por um processo muito natural, as aventuras e maravilhas que relatára, ao mais proeminente entre os viajantes peninsulares do sec. xv. Se preferiu apesar d'isso, aproveitá-lo (supprimindo, é claro, o que era evidentemente fabula, corrigindo Gomes onde elementos certos lh'o permittiam, e addicionando o que, no seu entender, fazia mingua) foi porque o ideal que o guiava, era dar á sua historia aquella unidade synthetica e viva, sem a qual os livros não sahem das espheras eruditas para o terreno aberto ao commun dos leitores. Por amor á arte, o grande escriptor moderno preencheu com hypotheses as graves lacunas que ha no nosso saber a respeito do Infante, indo na pista do ingenuo fornecedor de livros de cordel, ao romancear bellamente o seu Itinerario. E que Itinerario, totalmente diverso, mesmo na parte oriental, de quanto era usual e corrente no sec. xv!

\*  
\*\*

Com relação ao tempo gasto nessas peregrinações, cada um dos que as contaram, accrescentou o seu ponto, extendendo-as pouco a pouco de tres ou quatro a doze annos. E tambem neste particular Oliveira Martins cerceou apenas a lenda, sem a extirpar. Estava na fé que o Infante sahira de Portugal em 1418, antes de ter sido nomeado *Markgraf* de Treviso, apoiando-se d'esta vez num documento mal interpretado. Repito que podemos seguir os passos do viajante através da Europa de 1425 a 1428, periodo restricto dentro do qual não caberia a sonhada expedição ao Oriente. E repito ainda que não se descobriu uma unica escriptura que provasse a estada do Infante de Portugal no estrangeiro durante os annos de

1418-1424. Muito pelo contrario. Existe na Torre do Tombo o documento de una doação, feita por D. João I a favor do segundogenito, e que prova a sua assistencia na patria ainda em fins de 1420 (1). E o proprio diploma imperial, pelo qual Sigismundo lhe cedeu em Constancia (1419) a Marca Trevisana, mostra que, no acto d'esta memoravel doação, ainda permanecia entre os seus. O Emperador estipula ahi que o novo *Markgraf* receberia 20.000 ducados aureos sómente a contar do dia em que partisse ou partiria (conj. fut. *converterit*) (2) de Portugal, com destino á curia real de Hungria. De onde resulta que não premiava serviços já prestados, mas antes tentava attrahir o valente de Ceuta para um dos baluartes mais expostos do Imperio que urgia defender contra herejes, infieis e barbaros (3).

Devido á falsa interpretação do trecho alludido, falta na analyse psychologica de Oliveira Martins a ponderação dos motivos que levariam o Senhor de Treviso a tardar quasi um lustro antes de cumprir a promessa dada ao Emperador, como falta o exame dos que o decidiram posteriormente a regressar á patria, de onde se afastara com pouca tenção de voltar, descontentando o seu suzera-

(1) *Chancel. de D. João I*, livro 4, f. 12 v., segundo Sousa, *Hist. Gen.*, II, 70.—Tambem ha breves de 1420 e 1421 que talvez a atestem indirectamente. V. *Bullarium Patronatus Portugalliae Regum in Ecclesiis Africae Asiae atque Oceaniae*, ed. L. M. Jordão, vol. I, p. 12 e 18.

(2) Cf. V. Oliveira Martins, p. 380 *hoc videlicet*, etc.—Do segundo documento ahi impresso parece resultar que o Infante não prestou em pessoa o juramento de vassallagem, e que o seu lugar-tenente fôra, desde 1419, o mesmo João Telles que pediu e alcançou em 1443 do Emperador Frederico a nova confirmação.

(3) Na escriptura emprega-se a formula *in recompensationem servitorum*. Mas, como se infere das phrases que seguem, pensava-se em serviços promettidos. Tambem o futuro Papa Pio II allude a feitos já practicados (*egregia ejus facinora*) e outros que se esperavam d'elle (*propterque alia quae facturum se promittebat*). Penso que os já practicados eram as gloriosas acções africanas, cujo echo reboara ao longe, entusiasmando ambas as curias, a do Pontifice e a do Emperador.

no, a ponto de elle lhe cassar a concessão da Marca (1).

E uma vez que me arrisquei a combater opiniões, direi ainda que nessa analyse subtil, julgo encontrar mais de um elemento espurio. O auctor dos *Filhos de D. João* julgava a principio achar espelhada a verdadeira psyche do Infante nas *Coplas do Menosprezo do Mundo*. E como este poema denuncia no seu auctor não só uma intelligencia finamente culta, e um coração sensível, mas tambem um temperamento muito melancolico, uma alma cheia de saudades de um mundo melhor, inclinada a desprezar as glorias terrestres, desenhou-nos um Infante contemplativo e pessimista. Pela minha parte, reconheço no filho de D. João I e de D. Felipa de Lencastre um sympathico idealista, mais grave do que triste. Mas não julgo, de modo algum, que carecia de tino practico e mesmo de ambição (2). *Em guerra e paz maravilha* (3) batalhou victoriosamente nos campos africanos, e posteriormente contra Turcos e Hussitas. Viajante politico, que ia de côrte em côrte, estudando e negociando com habilidade, ajustou não só o seu proprio enlace com a filha dos Senhores de Urgel, pretendentes á coroa de Aragão, mas ainda (como partidario de Alvaro de Luna) o de sua sobrinha Isabel con D. Juan de Castella. Mais tarde sentava a sua propria prole no throno portugês. Pae de tres princessas e de outros tantos varões (4), educava-os conscienciosamente, e com elles o seu regio pupillo, governando o pais com grande prudencia e actividade durante nove annos, sem se cingir ás ultimas vontades pouco politicas de D. Duarte, e ordenando o importante Codigo de legislação que corre em nome de Affonso V.

(1) Cum promissa non adimpleret rursus Segismundus marchionatum ipsum Venetis concessit.—Aeneas Sylv., *De Viris Illustr.*, p. 45.

(2) O chronista antigo concede-lhe um olhar triste, mas penetrante; um andar mesurado; uma maneira de fallar sentenciosa, mas cheia de graça, e um genio tranquillo.

(3) Tirso de Molina, no *Vergonzoso en Palacio*.

(4) *Foram tres seus filhos reis*, no dizer de Miranda.

E quando morreu, de uma settada perdida, no dia funesto em que sahira a campo com a hoste dos 6.000, como *rebelde leal*, pedindo justiça e vingança, conservava-se ainda robusto e são, apesar de sexagenario. Não quero negar em absoluto que fosse capaz de gastar annos de vida numa viagem ao Oriente, para se extasiar á vista do Santo Sepulcro, como fervoroso christão que era. Mas o que sei, ao certo, é que não foi o poeta-philosopho que compôs as 125 oitavas *De Contemptu Mundi*.

A impressão estranha que a leitura do texto publicado por Garcia de Resende e falsamente attribuido ao filho de D. João I, produziu sobre Oliveira Martins, é o *punctum saliens* d'onde se desenvolveu a psychologia complicadissima e irreal com que o Infante nos apparece na sua obra-prima (1). Compreendo bem que quando mais tarde lhe pude demonstrar o erro em que cahira, o grande artista não tivesse animo de derrubar a estatua que erguera ao Regente, para reconstruir a figura da historia. Contentou-se com substituir na 2.<sup>a</sup> redacção da sua obra as paginas, dedicadas ás *Coplas* na 1.<sup>a</sup> (2), por uma curta nota em que dá o seu a seu dono, accrescentando ainda um capitulo sobre a descendencia do condemnado, no qual esboça o perfil do Condestavel, seu verdadeiro auctor.

Este ultimo sim, este era, na verdade, um sonhador morbidamente melancolico, desilludido muito cedo pelos dissabores de sua vida. Creança precoce, de gentil corpo e gesto discreto (3), nutrido e creado com o tepido leite da bondade humana; dantescamente namorado aos quatorze, e desde então amante e trovador sentido que disputava, ao

(1) Posso dizer que assisti á genese d'esta figura, tendo bem fixada na memoria a conversa de Anthero de Quental com seu amigo sobre o pessimismo christão do auctor do Poema.

(2) *Revista de Portugal*, I e II.—Veja-se o vol. I, 567-573, e confirmam-se essas paginas com a 307 da edição em volume.

(3) Conheço as suas feições unicamente por algumas moedas (Lafuente, II, 203). No tumulto talvez haja reproducção exacta da figura, como no de D. Jaime.

cabo de um lustro de leal amar e fiel servir, a primeira cadeira na côrte do inflamado filho de Vulcão a Macias, como grande e virtuoso martir de Cupido, não menos triste que desprezador da morte. Com dezoito, a mais formosa e bem proporcionada creatura que então se sabia no mundo, no dizer encomiastico do chronista nacional, tomara a peito ser paladino do feminil linhage, realizando o ideal paterno que o filho de D. Felipa e adversario de D. Leonor de Aragão não tivera a fortuna de attingir. Nunca casado, embora chegasse aos 37 (1), viveu na flôr da juventude como bandido e desherdado, sentindo o pungir amargo da saudade. Ao ver succumbir aos golpes da fatalidade toda a familia dispersa, desejou tomar a cruz, aceitando o convite dirigido por Calixto III aos principes christãos depois da tomada de Constantinopla. Infeliz num throno que o Regente experimentado teria talvez defendido com exito contra a astuta diplomacia do pae de Fernando o Catholico, morreu finalmente de consumpção, em terra estranha, como o leitor sabe. Sincero quando ia compondo a *Satyra* e as *Coplas do Menosprezo do Mundo*, não o era menos ao redigir a *Tragedia* christanmente pessimista—de 1447 até 1459.

\*  
\* \*

Concluindo este capitulo peço venia para acentuar que não ha sombra de deslealdade nesta tardia critica a certas opiniões de um eminente escriptor, ao qual toda a Peninsula tributa justissima homenagem. Em conversa particular e em correspondencia expus ao meu illustre amigo todos os factos e todas as minhas duvidas, promettendo-lhe detalhar um dia a exposição que aqui deixo apenas levemente esboçada. Tampouco occultei a Fernando Palha as minhas ideias sobre o Condestavel e as minhas conjecturas sobre o codice, cuja publicação se deve á sua generosidade.

(1) No fim da vida, como Rei de Aragão, é que resolveu consorciar-se com D. Margarida de Inglaterra.

## X

### AS OBRAS DO CONDESTAVEL

Da *Satyra* fallaram proficientemente Amador de los Rios, Octavio de Toledo, Paz y Melia, Menendez y Pelayo. Amargo fruto de amores estorvados, pertence, ainda assim, a um periodo de sossego e gozo relativo na vida do Condestavel, quando vivia na patria (entre Tejo e Guadiana) no seu mestrado de Avis, engolphando-se nas lettras para dominar a sua paixão angustiosa. Escripita em português, em meados de 1448 (1), foi novamente redigida em castelhano, depois de 1449, na côrte de D. Juan II.

Com relação ao *Poema do Menosprezo do Mundo*, varios pontos estão, pelo contrario, por elucidar—o que, porém, poderá ser feito com vantagem sómente por quem tiver oportunidade de examinar e collacionar os manuscritos e os impressos que subsistem: o velho codice, coetaneo do Condestavel, datado de 1457, com dedicatoria a D. Affonso V, que se guarda na *Bibl. Nac.* de Madrid (marcado M-69; de 70 ff.); outro tambem do sec. xv que o P.<sup>e</sup> Mendez possuia em tempos (de 153 pag.) (2); os preciosos impressos gothicos, sem anno nem lugar, conservados em Madrid e Londres; e o exemplar de Lisboa que foi aproveitado consecutivamente por Barbosa Machado, Ribeiro dos Santos, a auctora d'estas linhas, e Oliveira Martins.

Não fallo do erro evidente dos que, desconhecendo a

(1) O Condestavel nasceu em fins de 1429; contava quatorze quando se apaixonou; e dezoito, com mais oito mêses, ao redigir as glosas por occasião do eclipse que teve lugar a 29 de Agosto de 1448.

(2) Desconheço o seu actual paradeiro e julgo que Garcia Perez se enganou, affirmando que estava em poder de D. Dionysio Hidalgo.

*Tragedia*, consideram as Coplas, compostas durante o desterro (depois do fim de Alvaro de Luna, mas antes da morte da Rainha, á qual ha referencias nas Glosas) como o canto de cysne do homem iniquamente perseguido pela desgraça. Nem discuto as indicações do P.<sup>e</sup> Mendez, que julgo erradas, sobre o numero das coplas. Elle é o unico que contou 126 (ou 1008 versos), tanto no impresso que viu, como no seu MS. Outros fallaram de 124, como Barbosa Machado e Ribeiro dos Santos. Mas os exemplares impressos mencionam no titulo precisamente *mil versos* (1), e no Proemio manuscripto, visto pelo bibliographo castelhanao, o proprio Condestavel emprega a mesma formula, dizendo ao monarca: *lea los MIL VERSOS míos, acompañados de algunas glosas, los quales yo, caminando por deportar e pasar tiempo, a la feria passada de Medina, en mi viaje hove la introduccion e la invencion d'ellas feriado.*

Nem posso tratar das variantes que se notam nas estrophes transcriptas por Mendez (2). Suspeito que não as copiou com rigor paleographico, modernizando a orthographia (3). Tão pouco me atrevo a decidir sobre o que haverá de aproveitavel nas informações de Ribeiro dos Santos (4), o Conde de Ericeira (5), e bibliographos estrangeiros como Leichius, Hain, Diosdado a respeito dos exemplares que elles dizem impressos ora 6, ora 8 ou 9 annos depois que em Basilea fôra achada a famosa arte de impressão. Pode muito bem ser que taes notas, tão pare-

(1) *Coplas fechas por el muy illustre Señor Infante dō Pedro de Portugal en las quales ay mil versos con sus glosas etc.*

(2) De resto, é bem sabido que ha freqüentemente divergencias notaveis em exemplares da mesma edição antiga, p. ex. nos do Canc. de Res. A tiragem vagarosa permittia ao corrector e, ás vezes aos auctores, a revisão repetida dos textos.

(3) No primeiro verso Mendez tem a boa lição *celso*. Os impressos de Londres e Lisboa teem *excelso*.

(4) *Memorias de Litt. Port.*, VIII, 62-65.

(5) *Mem. Acad. Real Hist.*, 1724, N.<sup>o</sup> XXIII. Cf. Soares da Silva, I, 365, e IV, 463; Juan de Villanueva, 1732.

cidas entre si e ainda assim tão diversas quanto ao ponto capital, fossem accrescentos *manuscriptos* a um exemplar, (ou a varios exemplares) da bella impressão gothica in-folio pequeno, promovida por Antonio d'Urrea, e nascessem do natural desejo de lhe assignar data certa. Direi apenas que o facto de nenhum entre os que descreveram esta ultima se referir ao *Prologo* do editor catalão, não me parece de grande importancia. Impresso numa folha solta, anteposta aos quatro cadernos de que a edição das *Coplas* se compõe, o importante documento falta tambem nos exemplares de Londres e Madrid, subsistindo exclusivamente no de Lisboa (1). Em tudo o mais julgo-os iguaes, contra o que ficou assente por O. de Toledo (2). Estudei cuidadosamente o exemplar lisbonense, dispondo de uma descripção detalhada do de Londres, graças ao cuidado do Dr. J. Priebisch. Mas falta-me a do madrileno. O erro *menesprecio* no titulo, faz suppôr todavia que todos os tres pertencem á mesma edição (3). O de Londres, proveniente da Bibl. de Salvá (4), mede 260 × 195<sup>cm</sup>; o de Lisboa, menos cerceado, 280 × 210. A marca de agua é a mesma em ambos: uma mão, com uma flor sobre o dedo do meio. O de Londres conta 34 folhas como o de Madrid, registadas *áA—d D*; o de Lisboa outras tantas, com a do *Prologo* a mais.

As datas 1464 ou 1465, apuradas em meros calculos de probabilidade por arrojados bibliographos e historiadores nacionaes, como Soares da Silva e Ribeiro dos Santos, não merecem discussão. A de 1478, estabelecida para o exem-

(1) Bibl. Nac., *Reservados*, 776.

(2) No seu consciencioso estudo ha pouquissimos erros, se abstrahirmos das opiniões sobre as viagens do Infante, o desterro do Condestavel, e sobre a parte que Urrea teve na edição das Coplas. A esposa de D. Juan II não era filha del Rei D. João, mas antes neta do Infante D. João.

(3) A existencia de varias edições não-seria muito estranhavel. Das Coplas religiosas de Fray Inigo de Mendoza e das philosophicas de Jorge Manrique tambem as houve successivas no sec. xv.

(4) *Catalogo*, N.<sup>o</sup> 854.

plar de Lisboa por Oliveira Martins e outros, antes e depois d'elle, provém de uma nota manuscripta, lançada á margem do *Prólogo dirigido al muy illustre e reverendissimo señor en jhesu christo padre e señor dō Alfōso de aragon por la divina miseracion administrador perpetuo de la Iglesia: e arçobispado de çaragoça: lugarteniente general del rey nuestro señor en el reyno de aragon: fecho por Anthon Durrea que dirige a su alteza el presente libro*. E' evidente que o annotador quis indicar apenas como termo a quo o anno em que o filho do Rei catholico foi sagrado Arcebispo de Çaragoça (1). O termo *ad quem* seria 1520. O typo gothico, o papel grosso, e a falta de todas as datas tornam provavel a hypothese de ella pertencer ao sec. xv. Ao exemplar de Londres apposeram no *Catalogo* a data 1499. Salvá julgou-a feita em Portugal, perto de 1490.

Quanto ao lugar, não admira que em Portugal se decidissem por Lisboa. O P.<sup>e</sup> Mendez que desfrutou um volume em que as Coplas do Condestavel iam juntas ás da *Vida de Christo* de Fray Iñigo de Mendoza e ás de Jorge Manrique, é do mesmo parecer (2), fundando-se na semelhança da impressão á das Coplas de Manrique, publicadas em 1501 por Valentim Fernandes, na capital portugêsa. A nacionalidade tanto do divulgador Urrea, como do destinatario faz presumir que a sede do impressor seria Çaragoça, onde Paulo Hurus publicou tantas obras notaveis (3).

Os que attribuem as *Glosas* do exemplar de Lisboa a Antonio d'Urrea, não tiveram animo de as lêr, nem de as comparar com as dos codices. Nem tampouco examinaram

(1) Zurita, *Anales*, XX, c. 23. Ribeiro dos Santos, entendendo que o *Prologo* fôra escripto antes do Cardinalato de D. Affonso, infere que se imprimiu pelo menos em 1478. Barbosa Machado disse, com mais acertada cautela, antes de 1520.

(2) *Tipografia*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 68.

(3) Entre ellas as Coplas de Fray Iñigo de Mendoza, e um volume muito discutido (contendo as *Epistolas e Evangelhos* de Gonçalo Garcia de Sta. Maria) que se encontra na bibliotheca de Fernando Palha, em portugêes.

o *Prologo*. Se o fizessem, teriam reconhecido que o Condestavel as escreveu *todas*, e que Urrea circumscreve ahi muito precisamente a pequena parte que lhe coube na publicação do texto. E diz: *Delibere a hun tan alto de prosapia real e reverendissimo señor dirigir las coplas y versos de yuso scriptos inuentados por personas inteligentes (note-se o plural!) e de la sciēcia para ello dotados. E ya sea ninguna obra de las aqui contenidas sea mia..... trabaje en divulgar la presente obra que quasi staua scōddida, la haziendo emprentar*. Infelizmente, não diz em que mãos parava e de onde provinha o manuscripto que aproveitou. Seria o n.º 82 dos inventariados em 1466?

Os versos menores que entendo dever attribuir ao Condestavel, são as cantigas que se costumam chamar impropriamente *del Rey Dom Pedro*, e precedem no Cancioneiro Geral as poesias do Regente, as de Mena e a reimpressão das *Coplas do Menosprezo* (1). Além d'isso, tres fragmentos do *Cancioneiro* VII-A-3 da Bibl. Regia de Madrid, dictas ahi do *Infante D. Pedro de Portugal* (2). Serão ellas realmente aquellas *gentiles cosas*, gabadas pelo Marques de Santillana, quando, depois de 1445, escrevia a sua *Carta* (3)? Não sei. Mas sei muito bem que cousas gentis eu attribuiria ao Condestavel, se fosse licito distribuirmos entre os lyricos do sec. xv os cantares velhos anonymos, conservados pelos poetas do seculo immediato. Parecem d'elle aquellas endechas tão tristes:

*Quien viesse aquel dia  
quando quando quando  
saliessse mi vida  
de tanto bando!*

(1) Vol. II, 67-69. — Cf. Braga, *Poetas Palacianos*, 127; *Romania*, XI, 154; *Grundriss*, 251. — Confira-se, p. ex. a phrase *Vos soes o meu deos segundo*, com outra de igual encarecimento na *Satyra*, criticada na *Antologia*, VII, p. CXVIII.

(2) A. de los Rios, VII, 74.

(3) A' *Satyra* mal quadraria aquelle epitheto.

recolhidas e lindamente paraphraseadas por outro melancólico, o philosopho da Tapada (1).

Conheço poucos escriptos do Condestavel em prosa portuguesa: o *Conselho* sobre as guerras africanas (no genero dos que o Infante costumava dirigir a D. Duarte), a que já me referi; uma carta ao chronista Zurara, datada de Avis, 11 de Junho de 1460 (2), do tempo portanto em que Dom Pedro estava novamente restaurado na dignidade de mestre da Ordem (3). Ahi residia doente e recluso, aterrado por novas tristezas como a morte do irmão dilecto, em Florença, e a da mãe em Coimbra Do discurso de *despedida*, entregue á Princesa D. Joanna pelo Rei D. Affonso, já ficou assente que não vejo razão decisiva para abjudicá-lo ao monarca, adjudicando-o a seu cunhado.

## XI

### PAINÉ POUR IOIE

A *fortuna com a sua roda* que apparece pintada no principio da *Tragedia*, ou simplesmente *a roda da fortuna*, forma o *corpo* da empresa do Condestavel, cuja alma reluz no lemma que ahi mesmo se acha inscripto: *Paine pour ioie* (4). O mesmo moto francês encontra-se ainda em outros

(1) Sá de Miranda, N.º 136 e p. 447. — Cf. Caminha, ed. Pribsch, N.º 255, e Bernardes, *Flores do Lima*, p. 147.

(2) No *Panorama* de 1841 (p. 336) onde se encontra impressa, lê-se 1406, o que é evidentemente erro de imprensa.

(3) Temos a prova em certa doação do Mestre ao seu guarda-roupa Frei Diogo d'Azambuja, um dos fieis que levou a Barcelona. — V. *Documentos Colombinos*, p. 8-9.

(4) As devisas da dynastia de Avis são em regra redigidas em francês. D. João I escolhera *Pour bien*; D. Felipa *Y me plet*; Don Pedro *Désir*; D. Henrique *Talant de bien fere*; D. João *J'ai bieu reson*; D. Fernando *Le bien me plet*; D. Affonso V *Jamais*. Esta ultima talvez seja português, como o *pela grey* de D. João II.

livros (1) e mais objectos do seu uso (2) e tambem em monumentos architectonicos, por elle fundados, tanto em Portugal como p. ex. num chafariz do castello Flor da Rosa (Crato) (3), como em Catalunha onde assignalam certa philacteria de retabulo, uma janellinha do paço da Inquisição (hoje archivo real) e as impostas de mais duas janelas (4). Quando começaria a usar da melancolica devisa? Aos quatorze annos? Succedendo ao Infante Santo como Mestre de Avis? Subindo á dignidade de Condestavel? No acto de ser armado cavalleiro pelo Infante-Navegador, para em seguida marchar á frente de alguns milhares de armados em soccorro do Rei de Castella? Ou apenas depois da catastrophe de Alfarrobeira? O certo é que a divisa parece allusão directa ao infortunio da sua estirpe e traducção genuina do usual estado de alma do Condestavel, que só experimentara desillusões, tendo tantos motivos para esperar venturas.

Por isso mesmo é estranhavel que se tenha discutido sobre a significação das palavras francesas e que uma traducção tão disparatada como *modestia por alegria* podesse vingar (5). *Paine pour ioie* só pode dizer: *magos e tristezas*

(1) Na biblioteca do Condestavel havia uma *Chronica Geral de Hespanha e Portugal* em vulgar português (n.º 52), da qual já transcrevi a passagem final. A primeira folha, tendo uma cercadura de flores e aves, como a da *Tragedia*, ostenta na margem inferior as armas de Portugal sobre a cruz de Avis, sustentada por dous anjos que seguram uma banda com a devisa repetida *Paine pour ioie*. — Cf. Morel-Fatio, *Catalogue*, 248, e *Romania*, XI, 159.

(2) P. ex. uma arca em que se guardava um missal (n.º 49), provavelmente com mais alguns objectos do culto.

(3) No *Seculo*, de Lisboa, n.º 3.899 publicou-se em 1892 um artigo illustrado sobre este castello. — Cf. *Archivo Pittoresco*, V, 5.

(4) Balaguer y Merino, p. 6 e 69.

(5) Considero-a filha do que chamamos na Allemanha *Druckfehler-Teufel* isto é o *demo do erro de caixa*. Alguem traduzira de certo, fielmente embora com pouca elegancia, *molestia por alegria*. Um typographo imprimiu *modestia*. E graças á inercia dos que copiam sem critica, o dictado *modestia por alegria* correu mundo.

em vez de alegrias, ou então *pro bono malum* (1). Mas como o *moto* realmente bom ha de ser vago, enigmático e susceptível de diversas interpretações, pode-se admittir ainda a versão livre de Balaguer: *soffrer para gozar*, i. é aturar penas e amargores neste mundo para merecer gozos celestes em outro melhor.

A *roda* sem a devisa apparece em alguns codices da livraria do Condestavel, guarnecidos além d'isso com as armas de Portugal, Inglaterra, Aragão e Urgel (2). Balaguer e Morel-Fatio opinam que taes volumes pertenceram a um fundo herdado do Regente. Não concordo, embora o assumpto e a lingua em que estão escriptos, indiquem que o Rei intruso os trouxera da patria (3). A empresa do pae era a balança de S. Miguel; sua devisa a indeterminada formula: *désir!* E o Condestavel tinha todo o direito de usar das armas de Portugal como neto de D. João I; das de Inglaterra como neto de D. Felipa de Lencastre; e das de Aragão e Urgel pelos avós maternos: D. Jaime o *Desditoso* († 1433) e D. Isabel de Aragão.—Pode ser que os volumes indicados fossem dadas do Infante ao seu primogenito que tanto gostava de lêr, estudar e sonhar.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

Porto, Abril de 1899.

(1) E' o *moto* de Ariosto.

(2) Nums. 4, 11, 58, 80 (e 29). E' todavia possivel que o auctor do Catalogo esquecesse de fallar da devisa.

(3) N.º 4 é um *Paulo Vergerio*, em portuguez, com muitos outros tratados—certamente a traducção do Infante, com mais obras d'elle.—N.º 11, um *Suetonio: Vida de Julio Cesar*, tambem em portuguez.—N.º 58, *O Orto do esposo*, collecção de contos de que ha um exemplar entre os codices alcobacenses.—N.º 29, de conteudo desconhecido, e com o *moto* (deturpado?) *Sy vos no quiy eu.....*—N.º 80, um tratado *da immortalidade da alma*, em castelhano.

## TRAGEDIA

DE LA

### INSIGNE REYNA DOÑA YSABEL

#### (1).—PROLOGO

*Al muy inclito e muy honesto e loable varon JAYME, Cardenal de Santestacio fecho por el su mayor hermano. Era millesima quadragentesima nona.*

Creeran los mas, segund yo pienso, que seyendo revocado del injusto destierro venido a la paternal tierra, algund consuelo e descanso me (1 v.) fuesse la tal venida al grave dolor que ove con la fin de la reyna mi señora e hermana, cuya noble anima aya perpetua folgança, mas yo te juro por los soberanos çielos, reverendissimo señor como a muy caro hermano mio, que el contrario me avino. Ca pensando muy a menudo en aquella dolorosa muerte, e regando con manante fuente de los mis ojos las mis mexillas e aun los mis pechos, yo dezia muchas vezes contra la soberana potestad: «O eternal dios por que ante nõ alargaste el mi exilio que darle fin con tanto mal mio? O señor benigno! ploguiera a ty echarme en las Indianas partes (2) mas separadas deste nuestro horizonte, e bevir aquella, cuya vida era a mí vida, cuya salud era a mí salud, e por el contrario su muerte a mí muerte e destruyçion. Et como con tanto mal a mi podia venir bien, o con tan esquivo pesar resçebir algund plazer? Ciertamente jamas no puede ser; ante mirando aquella tierra a donde murio mi señora, yo sentire doble angustia e dolor. Nõ fuera mejor que tu permitieras fuera conplido mi desseo, que bien poco antes desto sabes que tenia de tomar la cruz, e yr contra aquel impio e protervo puerco devorador del tu nombre, e bevir aquella que era manto e consuelo de nuestra (2 v.) fami-